

"The Economist" concilia credor a ajudar Tancredo

5 JAN 1985

JORNAL DO BRASIL

Londres — "Os credores do Brasil deveriam ser inteligentes e flexíveis. Se os bancos ajudarem o Sr Tancredo Neves, vai ser mais fácil para ele adotar a política que ajudaria muito a reativar a economia brasileira: as boas vindas para investidores estrangeiros".

Esta é a mensagem do editorial que a influente revista **The Economist** publicou ontem sobre o candidato da oposição à Presidência da República, Tancredo Neves, "cuja eleição parece assegurada por pelo menos o dobro dos votos de seu oponente".

"O Sr Neves preocupa alguns banqueiros, pois ele foi Primeiro-Ministro do Governo populista conduzido pelo Presidente João Goulart, deposto pelo Exército em 1964", prossegue o semanário. "A atitude tranqüila dos militares em relação a ele em 1985 parece surpreendente".

Tancredo é descrito como o principal defensor da "fraca iniciativa privada brasileira", que ficou para trás nos anos de sucessivos governos militares em função de investimentos e injeções monetárias fabulosas em empresas estatais.

Para o **Economist**, Tancredo tem apoiado a tentativa do atual Governo brasileiro de renegociar por um prazo de

10 a 12 anos sua dívida externa. Contudo, "como Presidente, Tancredo pressionará por mais, embora o método de reescalonar a dívida latino-americana deve permanecer o mesmo".

A revista considera "extraordinário" o fato de que Tancredo possa assumir o poder num país em que os 130 milhões de habitantes perderam um décimo de seu padrão de vida nos últimos dois anos e estão vivendo com uma inflação superior a 220%. Ao contrário de outros líderes civis na América do Sul, no caso de Tancredo o **Economist** acha que há condições para o estabelecimento de uma democracia tão estável como na Venezuela ou Espanha pós-Franco.

Dependeria de Tancredo, definido como representante de uma ampla classe média, conseguir manter a paz social, para a qual é necessário um acordo com os credores. "Se ele sucumbir à tentação populista, os banqueiros se retrairão e as baionetas serão montadas outra vez nos quartéis do Brasil", conclui a revista.

WILLIAM WAACK
Correspondente